



A INTERSEÇÃO ENTRE TRAJETÓRIAS LABORAIS E VIVÊNCIAS DE MOBILIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PROJETOS NA TEMÁTICA MIGRATÓRIA

A INTERSEÇÃO ENTRE TRAJETÓRIAS LABORAIS E VIVÊNCIAS DE MOBILIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PROJETOS NA TEMÁTICA MIGRATÓRIA

THE INTERSECTION BETWEEN WORKING TRAJECTORIES AND EXPERIENCES OF MOBILITY: AN ANALYSIS BASED ON PROJECTS IN THE MIGRATION FIELD

Carolynne Reis Barros¹
Ana Luisa Anjos Conceição²
Mariana Luisa de Oliveira Ferreira³

RESUMO: A mobilidade de pessoas pelo mundo, no capitalismo, torna-se imperativa para fazer girar o capital e, simultaneamente, traz em seu cerne restrições na entrada, saída e permanência em outros países. Sendo assim, os trajetos, caminhos, pontos de partida e chegada das pessoas em mobilidade são perpassados por marcadores sociais da diferença tais como raça, gênero, sexualidade e nacionalidade. Este trabalho é uma reflexão sobre dois projetos que o Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos (LabTrab/UFGM) realiza com a população migrante: uma pesquisa sobre as dinâmicas migratórias e as trajetórias laborais de haitianos e o projeto de extensão de apoio psicossocial a estudantes do Pró-Imigrantes, curso preparatório para o ENEM promovido pela Faculdade de Letras (FALE/UFGM), em oficina específica sobre trabalho. Dentre as reflexões sobre as trajetórias laborais, a de que a atividade realizada no Brasil pelos migrantes ouvidos não condiz com a formação acadêmica e profissional obtida no país de origem, indicando um descompasso entre a formação profissional e o trabalho nos países de destino. Tal cenário caracteriza-se pelo desperdício de experiência (Barros, 2017). Ainda sobre suas trajetórias laborais, existe uma predominância de experiências em trabalhos precarizados, pouco qualificados e desvalorizados, resultando em uma baixa mobilidade social ascendente. A interseção entre trajetórias laborais e experiências de mobilidade revela um panorama complexo e multifacetado, onde a dinâmica do trabalho não apenas reflete, mas também molda a experiência daqueles que se deslocam em busca de oportunidades e melhores condições de vida. A precarização do trabalho, o xenoracismo e as barreiras linguísticas são obstáculos que comprometem a qualidade das trajetórias laborais, impactando diretamente na experiência de mobilidade. Compreender esses elementos pode contribuir para construir e repensar políticas migratórias de acolhimento que possuam como referência o direito ao trabalho decente independente da nacionalidade e outros marcadores sociais da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Migração; Experiência; Extensão; Migrante.

RESUMEN: La movilidad de personas en el mundo, bajo el capitalismo, se vuelve imperativa para hacer circular el capital y, al mismo tiempo, lleva consigo restricciones en la entrada, salida y permanencia en otros países. De este modo, los trayectos, caminos, puntos de partida y llegada de las personas en movimiento están atravesados por marcadores sociales de la diferencia, tales como la raza, el género, la sexualidad y la nacionalidad. Este trabajo es una reflexión sobre dos proyectos desarrollados por el Laboratorio de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos (LabTrab/UFGM) con población migrante: una investigación sobre las dinámicas migratorias y las trayectorias laborales de personas haitianas, y un proyecto de extensión de apoyo psicossocial a estudiantes del curso Pró-Imigrantes — curso preparatorio para el ENEM promovido por la Facultad de Letras (FALE/UFGM) —, en un taller específico sobre el trabajo. Entre las reflexiones sobre las trayectorias laborales, se destaca que las actividades realizadas en Brasil por los migrantes entrevistados no corresponden con la formación académica y profesional obtenida en su país de origen, lo que indica un desajuste entre la formación profesional y el trabajo en

¹ Professora doutora em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais. carolynereis@gmail.com

² Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais. analuisaanjos@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES). Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM). oliveira.marianaluisa@gmail.com



los países de destino. Este escenario se caracteriza por el desperdicio de experiencia (Barros, 2017). Además, en sus trayectorias laborales predomina la experiencia en trabajos precarizados, poco calificados y desvalorizados, lo que resulta en una baja movilidad social ascendente. La intersección entre las trayectorias laborales y las experiencias de movilidad revela un panorama complejo y multifacético, donde la dinámica del trabajo no solo refleja, sino que también moldea la experiencia de quienes se desplazan en busca de oportunidades y mejores condiciones de vida. La precarización del trabajo, el xenoracismo y las barreras lingüísticas son obstáculos que comprometen la calidad de las trayectorias laborales, impactando directamente en la experiencia migratoria. Comprender estos elementos puede contribuir a la construcción y revisión de políticas migratorias de acogida que tengan como referencia el derecho al trabajo decente, independientemente de la nacionalidad y de otros marcadores sociales de la diferencia.

PALABRAS CLAVE: Trabajo; Migración; Experiencia; Extensión; Migrante.

ABSTRACT: Under capitalism, the mobility of people around the world becomes imperative to keep capital circulating and, at the same time, inherently carries restrictions on entry, exit, and residence in other countries. As such, the routes, paths, points of departure and arrival of people on the move are shaped by social markers of difference such as race, gender, sexuality, and nationality. This paper presents a reflection on two projects carried out by the Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos (LabTrab/UFMG) with migrant populations: a research project on migration dynamics and labor trajectories of Haitian migrants, and an extension program providing psychosocial support to students in the Pró-Imigrantes project — a preparatory course for the ENEM offered by the Faculdade de Letras (FALE/UFMG) — in a workshop specifically focused on labor. Among the reflections on labor trajectories, one key finding is that the work carried out in Brazil by the migrants interviewed does not correspond to their academic and professional training obtained in their country of origin, indicating a mismatch between professional training and employment in the destination country. This scenario is characterized by a waste of experience (Barros, 2017). Moreover, their labor trajectories are predominantly marked by experiences in precarious, low-skilled, and undervalued jobs, resulting in limited upward social mobility. The intersection between labor trajectories and mobility experiences reveals a complex and multifaceted landscape, where labor dynamics not only reflect but also shape the experiences of those who move in search of opportunities and better living conditions. Labor precariousness, xenoracism, and language barriers are obstacles that undermine the quality of labor trajectories, directly affecting the migration experience. Understanding these elements can contribute to building and rethinking migration policies based on the right to decent work, regardless of nationality and other social markers of difference.

KEYWORDS: Work; Migration; Experience; Extension program; Migrant

1 INTRODUÇÃO

A migração é um evento humano desde que se tem registros de nossa história. A mobilidade devido às questões culturais, conflitos, mudanças climáticas, escassez de recursos, dentre outros, faz parte da história. Entretanto, no mundo atual, isto é, no mundo capitalista ocidental, são as dinâmicas do capital, internacionalização e processos de mundialização, que gerem e gestam os fluxos migratórios. Independente da sua motivação particular, as mobilidades são gestadas em função de projetos que expandam o capital (Gaudemar, 1977). Assim, a movimentação das fronteiras, para além da fronteira geopolítica do estado nação, tais como as fronteiras políticas, sociais, jurídicas podem se sobrepor, se opor, se interrelacionarem a fim de produzirem novas formas de dominação e exploração na mobilidade e na circulação de pessoas e mercadorias. (Mezzadra, 2015).

Exemplos contemporâneos dessa lógica podem ser observados pela facilidade dos refugiados da Ucrânia de serem acolhidos na Europa no contexto recente de guerra com a Rússia, situação distante da realidade vivida por refugiados árabes ou africanos — Mendelski

(2023) denuncia essa diferença a partir da comparação do número de asilos concedidos para refugiados ucranianos e refugiados sírios na União Europeia, além das políticas de abertura de fronteiras (para ucranianos) e fechamento e militarização (para sírios). Também é possível perceber a instabilidade das fronteiras a partir da resistência dos refugiados palestinos há tempos contra o colonialismo e a manipulação das fronteiras para fins de dominação por parte da política sionista (Jabr, 2024).

A seletividade da entrada dos migrantes nos países atesta a ideia de xenoracismo, trabalhado por Fekete (2001). Segundo a autora, atualmente os acessos aos países, sobretudo do norte global, manejam as migrações (a partir de tratativas legais) de maneira a barrar não só aqueles socialmente indesejados devido a raça/etnia, mas também aqueles de países de origem pobres independente da raça/etnia. Fekete discorre sobre o xenoracismo analisando as estratégias adotadas pela Europa, com foco no Reino Unido, para o gerenciamento dos fluxos migratórios, tal qual a filosofia da dissuasão, que desloca a discussão do campo dos direitos humanos para a área de segurança nacional ao situar alguns migrantes em um local de ameaça à economia e à cultura. Esse tipo de deslocamento contribui para o processo de criminalização da migração, bem como estratégias como o plano antitráfico de 2000, designado pela União Europeia conjuntamente com o Grupo dos Oito e Organização para Segurança e Cooperação na Europa. Ao conceber ferramentas (e discursos) que colocam como problema não apenas o tráfico e os traficantes, mas também as vítimas envolvidas, as movimentações antitráfico corroboram com a exclusão de determinados migrantes.

O endurecimento das fronteiras para migrantes socialmente indesejados em países do Norte global é um dos fatores que incentivam as migrações Sul-Sul e, concomitantemente, a busca por melhores condições de vida em países que não oferecem restrições na entrada. Atualmente, os fluxos migratórios Sul-Norte ainda representam a maior parte das movimentações — segundo o World Migration Report (2024), em 2020 79.6% dos migrantes do mundo (190 milhões de pessoas) residiam em países de IDH muito alto —, entretanto, as movimentações entre países do Sul global também representam uma parcela significativa da mobilidade humana e vêm crescendo significativamente. De acordo com Baeninger (2012), as migrações circulatórias podem representar a forma comum de mobilidade, considerando que a imigração e emigração compõem o mesmo processo migratório.

Nas últimas décadas, o Brasil tem se constituído como um destino ou como um lugar de passagem para outros países (Sousa, 2023), inclusive enquanto possibilidade nas migrações Sul-Sul. A imigração no país tem experimentado um aumento significativo, com concentração no sudeste, perfil majoritariamente masculino e origem predominante em países do Sul global

(Santos & Rossini, 2018). Esse crescimento é atribuído a diversos fatores, incluindo a visibilidade e a movimentação econômica geradas pela Copa do Mundo (2014) e pelas Olimpíadas, somados a crises em nações da América Latina, como o terremoto no Haiti (2010) e a crise político-socioeconômica na Venezuela. Apesar da busca por refúgio/acolhida humanitária ser uma das grandes motivações para entrada no país, sobretudo, recentemente, devido às garantias legais previstas pela Lei de Migração (2017), o turismo (em primeiro) e o trabalho (em segundo), segundo os Dados Consolidados da Imigração no Brasil até o primeiro semestre de 2024 (Cavalcanti et al. 2024) são as principais justificativas para emissão de visto. Desta forma, é possível inferir que os migrantes que vêm para residir no Brasil buscam, em sua maioria, condições possíveis para realização de atividades laborais.

De acordo com infográfico em relação ao quadrimestre final de 2024 (Simões et al, 2024), os estados que mais contrataram trabalhadores migrantes foram: Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. Concentrando 78,7% das admissões no território nacional. Em relação à região de origem dos migrantes contratados, aproximadamente 68% correspondem a sul-americanos, principalmente Venezuelanos, seguido de migrantes da América Central e Caribe, Cuba e Haiti, nesta ordem. Os subgrupos que mais admitiram trabalhadores migrantes foram os trabalhadores de serviços e trabalhadores de funções transversais, este último no Código Brasileiro de Ocupações (CBO) é formado por supervisores de trabalhadores de embalagem e etiquetagem; operadores de robôs e equipamentos especiais; condutores de veículos e operadores de equipamentos de elevação e de movimentação de cargas; trabalhadores de manobras sobre trilhos e movimentação e cargas e embaladores e alimentadores de produção.

Diante disto, é mister interrogar acerca das atividades laborais e da movimentação da força de trabalho pelo mundo, e particularmente, no Brasil. Em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2007) expõem que o homem passa a se distinguir dos animais quando começam a produzir seus meios de vida e, para isso, necessitam do uso de meios que já encontram na natureza e fazem uma reprodução. Essa transformação é a forma do homem, no seu sentido genérico, de exteriorizar a vida, dado que, se apresentam naquilo que produzem, mas também no modo em que produzem. O trabalho, então, é o mediador da relação entre o homem e a natureza e, neste processo, modifica o mundo e é também modificado por ele. Desta forma, o trabalho é categoria central para compreender a produção de subjetividade humana, haja visto que é pelo trabalho que os sujeitos irão se reconhecer como parte da humanidade (Clot, 2006; Organista, 2006).

Schwartz (1996), ao discutir a relação entre trabalho e valor, assinala que a categoria, enquanto atividade humana, possui sucessivos nascimentos e que, portanto, sua compreensão

também exige sucessivas compreensões. Ao perceber a complexidade do trabalho, considerá-lo a partir da sua forma mercadoria somente, seria desconsiderar a atividade como produtora de vida. De acordo com o autor,

o trabalho é complicado, como o acreditamos: ele acumula a herança de seus sucessivos nascimentos; se não se inventa nada no campo que denominamos “ergológico”, é preciso ver o que isto quer dizer: nunca compreenderemos inteiramente esta realidade que articula inextricavelmente o antropológico, o histórico, heranças imemoriais e relações sociais extremamente carregadas de sentido. E isto remete a muitas exigências dialéticas para qualquer política futura do trabalho. Alguma coisa enigmática que ele cristaliza em si atravessa e circula entre as diversas formas de atividade das quais algumas têm a forma “emprego e outras não: trabalho para si ou sobre si, trabalho doméstico, militante, estratégico, político. (SCHWARTZ, 1996, p.151)

Nesta mesma linha, Dominique Lhuillier amplia a noção do trabalho para além da forma e do enquadre da mercadoria. Mais do que a remuneração e a sobrevivência na economia capitalista, a autora sustenta que o trabalho é o que nos conecta à humanidade. Segundo a autora,

trabalhar não é apenas dedicar-se a uma atividade. É também estabelecer relações com os outros, envolver-se em formas de cooperação e de troca, inscrever-se numa divisão de postos e das tarefas, confrontar os pontos de vista e as práticas, experimentar e dar visibilidade às capacidades e aos recursos de cada um, transmitir saberes e capacidades, validar as contribuições singulares... é, enfim, ser capaz de pôr sua marca no seu ambiente e no curso das coisas. (LHUILIER, 2005, p. 210).

Assim, ao olharmos para as sociedades a partir da categoria trabalho, conseguimos identificar as formas predominantes em determinados tempos e espaços e, ao mesmo tempo, abarcar a capacidade criativa e transformadora da atividade de trabalho. Levando em consideração que o trabalho é “condição ineliminável da existência humana” (Organista, 2006, p.10), cabe pensar as condições de trabalho a que tal sujeito está submetido dentro das lógicas capitalistas, ou seja, orientadas pelo foco na acumulação do capital e as repercussões subjetivas de tais lógicas. É diante do contexto histórico de produção que novas estratégias para maximização do lucro (produção de mais-valor) são adotadas, vide os exemplos das revoluções industriais (Antunes, 1999).

No mundo contemporâneo, os grandes complexos industriais mundializam a produção a fim de reduzir o valor de produção das mercadorias, seja instalação de locais de produção fisicamente em lugares com menores regulamentações de trabalho, empregando mecanismos de usurpação dos países produtores de matéria-prima — um exemplo mais radical é a produção das guerras no modo de produção capitalista — ou criando formas de precarização do trabalho, tal qual a uberização (Franco & Ferraz, 2019). No trabalho uberizado, o capitalista continua

explorando a força de trabalho do trabalhador a partir da produção da mercadoria (prestação de serviço), mas compartilha com eles os meios de produção: os meios de produção digitais são de sua propriedade, ou seja, o aplicativo/plataforma, enquanto os meios de produção físicos (no caso dos motoristas de aplicativo, o automóvel e o smartphone) são do trabalhador. Isso dá ao capitalista a possibilidade de não se responsabilizar pelos prejuízos relacionados aos meios físicos — desde o desgaste do uso contínuo até possíveis acidentes de trabalho — mas ainda assim usufruir do mais-valor gerado pelo produto/serviço oferecido, sendo então mais uma maneira de gerar uma maior acumulação do capital.

Na América Latina, a partir do seu processo de industrialização tardio, a estruturação do capitalismo se deu a partir da superexploração do trabalho como forma de se obter um maior nível de mais-valia. Assim, no atual momento de reestruturação produtiva, o continente acaba sofrendo ainda com uma intensa dependência da economia hegemônica. O grande incentivo às privatizações, após as mudanças na divisão internacional do trabalho ocorrida na década de 70, deixou a economia latino-americana ainda mais dependente do mercado financeiro do Norte global, trazendo como subprodutos relações de trabalho ainda mais precarizadas como as terceirizações e grandes índices de desemprego. (Antunes, 1999; Fontes, 2017)

As novas formas de trabalho que surgem nesses contextos são muito mais flexíveis e precarizadas. O trabalhador, então, assombrado pelo risco do desemprego, é submetido a formas de exploração que exime as grandes corporações de suas responsabilidades direcionando-as ao trabalhador (Fontes, 2017). São exemplos o que chamamos hoje de pejetização, em que o trabalhador cria para si uma pessoa jurídica e se insere nas empresas como prestador de serviço o que não lhe dá as garantias decorrentes de uma contratação a partir da legislação vigente, e a já citada uberização que são modos indiretos de subordinação trabalhistas sobrepujados em uma forte falácia empreendedora. Segundo Dacilien e Oliveira (2023), os imigrantes são os mais afetados no cenário de alterações na esfera do trabalho provocadas pelo mundo globalizado, considerando os marcadores sociais de raça e gênero.

Outrossim, para Lhuilier (2009), a divisão do trabalho vai dizer, além de habilidades e competências, da respeitabilidade e da imagem que se tem daquele trabalho. Assim, existe além da divisão técnica e social, uma divisão moral e psicológica em que a imagem que se tem do indivíduo é atrelada a sua atividade de trabalho e, da mesma forma, essas atividades são ligadas a grupos sociais específicos. Isso fica evidente quando abordamos o trabalho sujo, conceito que versa sobre “tarefas fisicamente repugnantes ou que simbolizam algo degradante e humilhante” (Lhuilier, 2009, p. 41, tradução nossa), e é o imaginário coletivo sobre estas atividades que

inserem os trabalhadores que as realizam no espaço do negativo psicossocial. Dominique explica que

os julgamentos de valor sobre determinado trabalho contaminam também a pessoa que o exerce. E os julgamentos dos outros pesam sobre a própria autoimagem. As profissões que se encontram na parte de baixo da escala moral do trabalho são as que condensam o “trabalho sujo”, ou seja, tarefas física ou simbolicamente nojentas, humilhantes, degradantes, tarefas que são sinônimo de transgressão dos valores morais. É o caso, por exemplo, das profissões ligadas ao lixo, à faxina, das profissões ligadas à ordem pública e à repressão, das profissões que lidam com a morte, a loucura, a violência, a velhice, a marginalidade, a deficiência etc. Trata-se de profissões ou tarefas que têm por objeto o negativo psicossocial. (LHUILIER, 2014, p. 16).

Para pensar a classe trabalhadora na América Latina, o conceito de precariado revela-se útil como um enquadramento para apreender a complexidade e heterogeneidade do mundo laboral (Valenzuela, 2015). Barros et al (2023) destacam que o “conceito apresenta-se como um ponto de partida para refletirmos sobre os impactos da precarização laboral na subjetividade do trabalhador, na fragilização da vida e dos vínculos sociais. (p.2). Assim, o precariado é parte da classe trabalhadora e produz existências socialmente frágeis e instáveis. Na América Latina, há uma articulação também com trabalho precário e informalidade como uma ligação duradoura e estabilizada, ao contrário de outras regiões do mundo. Ao olhar para o mundo do trabalho considerando a mobilidade de pessoas, o precariado é composto por não-brancos do Sul global, como é o caso dos trabalhadores haitianos no Brasil, conforme Dacilien e Oliveira (2023) a partir das reflexões de Gaudemar (1977) e Lenine (1997). O sistema capitalista organiza a mobilidade da classe trabalhadora em prol da disponibilidade de força de trabalho para superexploração a um baixo custo. A migração haitiana para o Brasil pode ser inserida nessa lógica, de maneira que desde 2010 há uma intensificação da mobilidade deste grupo devido à combinação de condições – crise política do Haiti, MINUSTAH, subimperialismo brasileiro, desastres naturais (terremoto de 2010), eventos esportivos internacionais sediados no Brasil etc. – que se articularam para mesma direção: disponibilização de mão-de-obra barata para o setor industrial nacional.

Assim, é neste contexto que, ao pensarmos a relação migração e trabalho, concordamos com Barros nos quatro apontamentos seguintes: o primeiro é de que existe um “atravessamento étnico, de classe social e geopolítico” (2017, p. 133), quando se entende que atividades consideradas como trabalho sujo irão ser designadas somente a trabalhadores provenientes do Sul global. Um segundo apontamento, quando analisadas as trajetórias laborais destes sujeitos, é de que existe uma predominância do trabalho precarizado resultando em uma baixa mobilidade social (Barros, 2017). Além disso, em muitos casos, o terceiro apontamento é que

estes trabalhadores são vítimas de um desperdício da experiência, haja visto que, por muitas vezes se veem obrigados a exercer atividades de trabalho que estão em descompasso com sua formação e experiência laboral. Por fim, o quarto apontamento relaciona-se à precariedade transnacional, ou seja, a precariedade é constante em suas trajetórias de mobilidade, mas diferem-se em relação à qualidade e forma.

Nesta intersecção entre migração e trabalho, o objeto do artigo é discutir, a partir da categoria trabalho, a mobilidade de migrantes para o Brasil a partir de dois projetos que o Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos (LabTrab/UFMG) realizou entre os anos de 2021 e 2023 com a população migrante: uma pesquisa sobre as dinâmicas migratórias e as trajetórias laborais de haitianos e o projeto de extensão de apoio psicossocial a estudantes do Pró-Imigrantes, curso preparatório para o ENEM promovido pela Faculdade de Letras (FALE/UFMG), em oficina específica sobre trabalho.

2 Metodologia

Os dois projetos, partem de uma abordagem metodológica qualitativa, privilegiando o encontro com as pessoas e a densidade produzida durante o percurso (Minayo, 1993). Assim, o primeiro projeto trata-se de uma pesquisa que analisou as dinâmicas migratórias e as trajetórias laborais de haitianos. Tal pesquisa, sofreu mudanças em função da pandemia do COVID-19 o que incorreu em realização de virtuais. A entrevista pode ser definida como uma técnica de pesquisa que visa, a partir da oralidade, acessar as repercussões e experiências vividas pela pessoa entrevistada, guiando-se pela construção das tramas de sentido e, simultaneamente, pela abordagem de temáticas afetas à pesquisa (Barros, 2017). A realização remota das entrevistas se mostrou uma tarefa desafiadora devido a problemas de conexão, dificuldade na construção de vínculo e, também, os agravamentos de vulnerabilidades sociais como desemprego, falta de acesso a serviços de saúde, insegurança alimentar, dentre outras fragilidades sociais. Portanto, no ano de 2021 foram realizadas duas entrevistas remotas. Os entrevistados, ambos de origem haitiana, foram: D., com 32 anos, trabalha como técnico de patologia clínica e está há 8 anos no Brasil e S., com 27 anos, trabalha como atendente e está há 2 anos no Brasil.

O segundo projeto trata-se de uma atividade de extensão que se chama Pró-imigrantes e é um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) específico para migrantes, refugiados, apátridas e pessoas portadoras de visto humanitário. O LabTrab se inseriu na participação no projeto por meio da atuação do Núcleo de Apoio Psicossocial do Projeto, com o objetivo de oferecer acolhimento psicossocial para os estudantes do curso.

No primeiro semestre de 2023, o núcleo atuou em duas atividades: contato individual com os estudantes por meio de e-mail e do WhatsApp do projeto, além de contato telefônico com os estudantes frequentes às aulas; e oficinas mensais que ocorreram via Google Meet, em um horário dentro da grade de horários geral do cursinho disponibilizado especialmente para os encontros com o núcleo. Foram realizadas oficinas sobre os seguintes temas: “o sistema de educação brasileiro: organização e distribuição das responsabilidades de manutenção e provimento da educação básica ao ensino superior”; “políticas educacionais via ENEM, PROUNI, ENCCEJA, SISU e editais de acolhida humanitária”; “apresentação dos estudantes e suas expectativas”, “cotidiano e trabalho” e “bem viver no contexto migratório”.

Neste artigo, focaremos nas reflexões a partir das atividades realizadas, sobretudo da oficina sobre cotidiano e trabalho. Tal atividade contou com a participação de quatro estudantes oriundos de países latino-americanos, em uma conversa sobre suas trajetórias laborais desde a formação acadêmica no país de origem até a atuação profissional no Brasil em termos de horário, local e atividade realizada.

3 Reflexões acerca da migração a partir dos projetos do LabTrab

O saber da experiência é uma mediação entre o conhecimento e a vida humana, se relaciona com a elaboração do sentido da existência do sujeito. Para Bondía, “é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal” (2002, p. 27), ou seja, é intrínseco e pertence a cada indivíduo singularmente. Ao tratar do saber da experiência no campo do trabalho, iremos nos referir ao saber derivado dos acúmulos de conhecimento, ações e habilidades vividas pelos sujeitos em situações de trabalho e que se tornam aportes para experiências futuras.

Em Barros (2017), a autora apresenta a partir do relato de sete migrantes haitianos o trágico *desperdício da experiência*. Este conceito retrata o processo que comumente acontece no caso de migrações Sul-Sul, de modo que, uma pessoa quando deixa o seu país de origem com uma trajetória laboral e acadêmica em construção, não tem a oportunidade de dar seguimento a ela no país de destino já que em geral é inserida em contextos laborais que não convocam os saberes construídos anteriormente, “não há possibilidade de transferirem as habilidades construídas a partir das convocações do trabalho nem de aplicarem a experiência no trabalho” (Barros, 2017, p. 157). Este processo pode ser identificado também nas trajetórias dos migrantes com que trabalhamos nos dois projetos apresentados neste trabalho.

J. estudante do Pró-Imigrantes, era enfermeiro na Venezuela, e no Brasil pretende cursar assistência social e/ou farmácia. Como forma de se manter no Brasil, trabalhava há um ano e meio como operador de caixa de uma rede de farmácias da capital mineira. Como estudante de pré-vestibular, precisa conciliar os estudos com o seu trabalho, assim, por muitas vezes acompanha as aulas somente como ouvinte, enquanto realiza os atendimentos em seu posto de trabalho. Y., também da Venezuela, atuava em seu país como técnica de saúde e aqui no Brasil tem se dedicado às tarefas domésticas haja visto que o seu diploma de enfermagem não é automaticamente reconhecido e, por esta razão, está frequentando as aulas do cursinho pré-vestibular. C. também atuava na área da saúde na Venezuela, era promotora de saúde, paramédica e terapeuta de planta medicinal. No Brasil está em seu segundo emprego como auxiliar de limpeza, com as demandas da rotina de trabalho, apesar de estar matriculada no cursinho com o objetivo de cursar, no Brasil, um novo curso na área da saúde, não consegue conciliar trabalho e seus estudos. Estes casos exemplificam, nestes projetos, o processo de desperdício da experiência. Os três migrantes apresentados saíram de seu país já com uma trajetória laboral em curso e ao chegar no Brasil se deparam com a impossibilidade de continuar neste caminho, muitas vezes não por escolha própria, mas devido à dificuldade burocrática na revalidação de seu diploma ou incompatibilidade entre trabalho e estudo.

Analisando a mobilidade pelo trabalho, diversos migrantes têm como impulso a busca por uma maior disponibilidade de postos de trabalho e melhores condições para exercê-lo e é por isto que D. decidiu mudar-se para o Brasil. Durante a sua entrevista, relatou que enquanto ainda estava no Haiti, acreditou que o trabalhador era mais valorizado no Brasil e que, assim, criou expectativas que não se concretizaram quando chegou, desejava vir para o país, trabalhar, ajudar a família e poder regressar ao seu país de origem. Por estas razões, hoje, D. desempenha uma dupla jornada de trabalho conciliando o seu trabalho em um laboratório de análises clínicas com a atuação em um aplicativo de transportes, trabalho este entendido como precarizado já que não possui nenhuma regulamentação e nem garantia de direitos.

No campo de estudos da Psicologia Social do Trabalho, as trajetórias laborais irão somar a perspectiva da centralidade do trabalho com a dimensão temporal deste movimento, considerando os processos de constituição do sujeito (Ornellas, D'Avila & Coutinho, 2022). Ou seja, fazer junto ao trabalhador, uma reconstituição narrativa da relação individuo-sociedade a partir de seu histórico de trabalho considerando suas profissões, ocupações e também o trabalho não regulado. O relato de D. nos ajuda a compreender como esse processo se dá ao ser atravessado pela mobilidade pelo mundo. No Haiti, D. havia iniciado um curso técnico de patologia e quando chegou ao Brasil, realizou outros trabalhos em variadas áreas, trabalhou no

setor comercial em vários lugares: loja de móveis, supermercado, empresa de automóveis e em uma cafeteria. Neste tempo no Brasil, conseguiu concluir o seu curso técnico em patologia e por isso trabalhou duas vezes em laboratórios de análises clínicas, incluindo o seu trabalho atual e, hoje em dia, cursa Biomedicina para continuar nesta área de trabalho.

D. relata que em seu primeiro emprego brasileiro era direcionado a realizar múltiplas atividades dentro da empresa que não correspondiam à função para a qual foi contratado, além de ter descoberto que o seu patrão à época não honrava com os seus compromissos contratuais quanto à benefícios e previdência social. D. hipotetiza que isto ocorre devido à uma vulnerabilidade do migrante no contexto empregatício brasileiro por um não conhecimento das legislações vigentes e, muitas vezes, dificuldade com a língua. Estes seriam exemplos de dificuldades no trabalho que Barros (2017, p. 156) considera como "condições específicas provocadas pela condição de migrantes". Além disso, as dificuldades não são apenas estruturais quando analisamos os marcadores sociais da diferença, dado que, ambos haitianos entrevistados relataram que sofreram casos de injúria racial em seu local de trabalho. Tal situação não acontece somente com migrantes do sul global não-brancos, entretanto, entendemos que esta situação é agravada pela xenofobia também relatada por eles. Tais casos também manifestam o xenoracismo enfrentado pelos migrantes do sul global (Carvalho & Baeninger, 2024).

Em consonância com o que já foi relatado pelos alunos acompanhados pelo núcleo, S também passa por um processo de desperdício da experiência dado que no Haiti exercia um cargo de gerência trabalhando na área de informática e hoje em dia trabalha como atendente, função que não requer os conhecimentos específicos já adquiridos por S. durante a sua trajetória laboral. Ademais, é possível compreender que a sua experiência laboral em um cargo de gestão e o conhecimento de um curso de Direito interrompido em seu país de origem, não foram facilitadores na busca por um emprego, haja visto que S. relata que ficou desempregada durante todo o primeiro ano em que esteve no Brasil.

Para contribuir com as discussões acerca do xenoracismo, é possível apontar as suas implicações no mundo do trabalho ao nos aproximarmos do relato de M., estudante do cursinho Pró-Imigrantes. M. é haitiano e está há dois anos e meio no Brasil, viu a necessidade de abandonar o curso universitário de Química, dado que a instituição de ensino na qual estudava sofreu um desmonte pelo governo do país. Ingressou no cursinho pré-vestibular devido ao desejo de cursar Química Industrial em uma universidade brasileira, ainda que, no ano em curso já havia sido aprovado em uma universidade federal para o curso de Letras. Naquele momento, para sobreviver no país, trabalhava como instalador painéis de captação de energia solar na capital mato-grossense. Um trabalho que conflita com os horários de realização do curso em

que irá ingressar, sem lugar fixo de atuação e que exige atividades fisicamente exaustivas. O que corrobora com Barros (2017) ao apresentar a inserção do migrante haitiano no mundo do trabalho no Brasil a partir de trabalhos precários, ou seja, “distantes de suas áreas de formação e em situações de trabalho que exigem uma disposição física e atividades pouco valorizadas” (Barros, 2017, p. 161).

4 Considerações finais

Fazer pesquisa e extensão na temática migratória a partir da categoria trabalho, implica, sobretudo, construir conhecimento com as pessoas envolvidas. Seja nas oficinas da extensão, valorizando os saberes acumulados nas trajetórias laborais, seja nos caminhos guiados pelos migrantes nas entrevistas da pesquisa, a disponibilidade em fazer dialogar os saberes da experiência e os saberes acadêmicos produzem um conhecimento que de fato transforme a realidade. Mais que técnicas e instrumentos, a tentativa de horizontalidade entre os saberes é uma postura em qualquer atividade científica.

A interseção entre trajetórias laborais e experiências de mobilidade revela um panorama complexo e multifacetado, onde a dinâmica do trabalho não apenas reflete, mas também molda a experiência daqueles que se deslocam em busca de oportunidades e melhores condições de vida. A precarização do trabalho, o xenoracismo e as barreiras linguísticas são obstáculos que comprometem a qualidade das trajetórias laborais, impactando diretamente na experiência de mobilidade.

Uma característica comum ao precariado é a ausência de futuridade, ou seja, a capacidade e disponibilidade para imaginar o futuro (Alves & Fonseca, 2014). Embora seja considerado parte deste grupo, os migrantes do Sul Global, devido à condição de mobilidade, precisam imaginar o futuro para continuar em movimento. Desta forma, podemos pensar que a condição de mobilidade os possibilita imaginar o futuro, mesmo que inserido na lógica da precariedade transnacional.

Compreender esses elementos pode contribuir para construir e repensar políticas migratórias de acolhimento que possuam como referência o direito ao trabalho decente independente da nacionalidade e outros marcadores sociais da diferença, pois assim também será possível possibilitar o acesso aos direitos sociais básicos tais como saúde, habitação, educação, lazer e cultura.

Neste sentido, pesquisas sobre esta temática devem ampliar o conceito de trabalho, considerando os marcadores sociais e seus efeitos na produção de hierarquias de acesso ao

trabalho digno e decente, não reduzindo-o ao trabalho mercantil, mas como possibilidade de transformação social das condições concretas de existência.

Por fim, as experiências migratórias e laborais apresentadas neste artigo apontam elementos para a reflexão acerca das lutas migrantes. Tal conceito surgiu na base dos movimentos sociais de migrantes retrata os processos coletivos de resistência das pessoas migrantes às explorações capitalistas (Ferreira, 2024). De tal modo, sugere-se a organização coletiva como um caminho contra a precarização laboral e a favor de trajetórias laborais de qualidade, que ofereceram possibilidades de produção de existências emancipadas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009. 328 p.
- ALVES, G., & FONSECA, D. O movimento social do precariado, carência de futuridade e necrose do capitalismo de bem-estar social em Portugal. *Projeto História*, 46, 91-114, 2014
- BARROS, Carolyne Reis. Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.
- BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm. Acesso em: 8 jul. 2025.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- CARVALHO RIBEIRO, Juliana; BAENINGER, Rosana. Xenorracismo: a face do preconceito contra imigrantes. *TRAVESSIA - revista do migrante*, [S. l.], v. 37, n. 99, p. 39–60, 2024. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/1207>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2024. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2024.
- CLOT, Yves. A função psicológica do trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 222 p.
- DACILIEN, R.; OLIVEIRA, F. A. de. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital: Haitianos no Brasil entre 2010-2020. In: **9.º Encontro Internacional de Política Social e 16.º Encontro Nacional de Política Social**, 2023, Vitória, ES, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/41192>. Acesso em: 8 jul. 2025.

FERREIRA, K. Q. Imigração e lutas migrantes: redes e encruzilhadas da mobilização por direitos e contra a xenofobia racializada no Brasil em crise, 2024. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:
<https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1397828>

FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. *Marx e o Marxismo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 45–67, 2017. Disponível em:
<https://www.niepmarx.com.br/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em: 8 jul. 2025.

FRANCO, D. S.; FERRAZ, D. L. da S. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 17, n. Edição Especial (spe), p. 844–856, 2019. DOI: 10.1590/1679-395176936

GAUDEMAR, Jean-Paul de. O conceito marxista de mobilidade do trabalho. In: *Mobilidade do trabalho e acumulação do capital*. Lisboa: Estampa, 1977/1997. p. 185–211.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. *World Migration Report 2024*. Geneva: IOM, 2023. Disponível em: <https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2024-interactive/>.

JABR, Samah. *Sumud em tempos de genocídio*. Tradução de Rima Awada Zahra. 1. ed. [s.l.]: Editora Tabla, 2024.

LHUILIER, D. Introdução à psicossociologia do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 17, n. esp., p. 5–20, jun. 2014. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151637172014000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 jul. 2025. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v17ispe1p5-19>.

LHUILIER, D. Trabalho. In: BARUS-MICHEL, J.; ENRIQUEZ, E.; LÉVY, A. (Orgs.). *Dicionário de Psicossociologia*. Lisboa: Climepsi Editores, 2005.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MENDELSKI, B. Solidariedade seletiva? Refugiados sírios e ucranianos na União Europeia. *Revista Baru (Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos)*, Goiânia, v. 9, n.1, 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/13292>. Acesso em: 8 jul. 2025.

MEZZADRA, S. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 23, n. 44, p. 11–30, 2015. DOI: 10.1590/1980-85852503880004402.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Relatório Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2023. 2024. Disponível em:
https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMIGRA_2024/Dados_Consolidados/dados_e_infografico_2024_v4.pdf.

ORNELLAS, L. P. G.; D’AVILA, G. T.; COUTINHO, M. C. Trajetórias laborais: contribuições para estudos no campo da psicologia social do trabalho. *Cadernos de*

Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 25, e181893, 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.cpst.2022.181893>.

ORGANISTA, J. H. C. *O debate sobre a centralidade do trabalho*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, A. L.; ROSSINI, R. E. Reflexões geográficas sobre migrações, desenvolvimento e gênero no Brasil. In: BAENINGER, R. et al. (Orgs.) *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e valor. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147–158, 1996.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; LEMOS SILVA, S. Relatório Conjuntural: tendências da imigração e refúgio no Brasil, 3º quadrimestre/2024. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

SOUSA, A. Migração Sul-Sul, Espaço Geográfico E Normas: As Migrações Latino-Americanas Para O Brasil No Século XXI. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, [S. l.], v. 14, 2023. Disponível em:
<https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/71266>. Acesso em: 8 jul. 2025.

VALENZUELA, H. C. Precariedad, precariado y precarización. *Polis*, 40, 1-16, 2015.